



**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA
NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE ENSINO QUE ROMPE COM A
HEGEMONIA DA BOLA**

*CORPORAL PRACTICES OF ADVENTURE IN PHYSICAL
EDUCATION CLASSES IN SCHOOL: A REPORTING OF
EXPERIENCE OF TEACHING WHICH BREAKS WITH THE
HEGEMONY OF THE BALL*

*PRACTICAS CORPORALES DE AVENTURA EN LA
EDUCACION FISICA ESCOLAR: UN RELATO DE EXPERIENCIA
DE ENSEÑANZA QUE ROMPE CON LA HEGEMONIA DE LA
PELOTA O BALON*

Dayse Alisson Camara Cauper¹

José Fernando da Silva Rosa²

Humberto Luís de Deus Inácio³

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar; Práticas Corporais de Aventura; Ensino.

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um relato da experiência de ensino de Práticas Corporais de Aventura (PCA) terrestres e aéreas (DARIDO, 2014), tematizadas a partir do Slackline, das práticas de rolamento, da Tirolesa e do pêndulo, desenvolvida na Escola Municipal Ary Ribeiro Valadão Filho, no município de Goiânia-GO. Trata-se do trabalho de conclusão do curso “Formação Continuada de Professores de Educação Física - do ensino das práticas corporais à análise das práticas pedagógicas”, ofertado pela REDE CEDES-GO no período de Out.16/ a Março/17.

1 Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PGEEB/CEPAE/UFG), daysecamaracauper@gmail.com

2 Escola Municipal Ary Ribeiro Valadão Filho (SME-GYN), jfsrnando@bol.com.br

3 Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD/UFG), betoinacio@gmail.com

2 METODOLOGIA

O curso oportunizou a compreensão das PCA como elemento da cultura corporal a ser desenvolvido nas aulas de educação física escolar (BRASIL, 2016), contemplando tanto o debate teórico quanto a experimentação de algumas dessas práticas.

No segundo módulo foi proposta a elaboração de um plano de intervenção, com apoio dos professores formadores, seu desenvolvimento na escola e a apresentação dessa experiência no seminário. A proposta de ensino das PCA foi desenvolvida em oito aulas de 60 minutos cada, com a turma F, composta por estudantes de 10 a 12 anos. O objetivo geral era que os alunos compreendêssemos conhecimentos das PCA, em suas dimensões: histórica, conceitual, social, cultural e técnica.

3 DESCRIÇÕES, RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES

A aula introdutória foi expositiva e teve uma roda de conversa com o objetivo de possibilitar aos estudantes a compreensão do tema PCA. A interação com os alunos favoreceu a identificação dos conhecimentos prévios sobre essa temática. Nas segunda e terceira aulas foi desenvolvido o ensino do Slackline, uma das PCA terrestre, com ênfase na técnica, sobretudo no equilíbrio, mas apresentando também a possibilidade de colaboração entre os colegas da turma. Nas quarta e quinta aulas desenvolveu-se a Tirolesa, uma das PCA aérea, oportunizando aos alunos a possibilidade de desafiar seus medos e inseguranças, mas também discutir sobre os riscos e suas formas de controle. Depois de montar todo o equipamento fiz questão de ser o primeiro a testar, para que os alunos confiassem que estariam seguros. Na sexta aula, foram desenvolvidas as práticas de pêndulo, buscando retomar com os alunos as brincadeiras e travessuras (INÁCIO, 2016) de se balançar em corda. Para minha surpresa, a maioria dos alunos nunca havia experimentado essa prática corporal. Para finalizar essa proposta de ensino, nas sétima e oitava aulas foram tematizadas as práticas de rolamento (patins, skates e patinetes) buscando discutir e desconstruir com os alunos o rótulo dessas práticas corporais como “coisa de marginal”, mas acima de tudo estimulando a capacidade de compartilhar os equipamentos com os colegas que não tem acesso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de formação apontou para a possibilidade de superação das práticas descontextualizadas e esvaziadas de sentido que vinham sendo automaticamente reproduzidas nas aulas de educação física. A aceitação e o envolvimento dos alunos com a proposta foram fundamentais, pois, possibilitaram a ampliação do repertório cultural e avanços no desenvolvimento, com adoção, inclusive de novas atitudes individuais e coletivas, que repercutiram em toda escola.

Dessa forma, pode-se concluir que é possível propor o ensino de novas práticas corporais na escola, rompendo com a hegemonia da bola, e possibilitando aos estudantes a exploração de um amplo acervo cultural, motor e histórico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular 2ª versão** /Ministério da Educação. Secretaria

de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: 2016.

DARIDO, Suraya C.; GONZALES, Fernando J.; OLIVEIRA, Amauri A. B. (Orgs). **Práticas corporais e a organização do conhecimento**; 4 Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2014.

INÁCIO et. al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Revista Motrivivência**. Set/2016.